

A POESIA-MIGRANTE DE AUGUSTO DE CAMPOS NA SALA DE AULA

Simone Assumpção
Edgar Roberto Kirchof
Universidade Federal da Bahia
Universidade Luterana do Brasil

Introdução

O presente artigo apresenta, de forma breve, os resultados de uma pesquisa realizada entre 2009 e 2011, intitulada *Literatura digital e educação: novas identidades de leitor a partir da cibercultura*, apoiada pelo CNPq. Seus dois principais objetivos são, de um lado, chamar a atenção para a existência de um gênero literário diretamente vinculado ao ciberespaço – a saber, a literatura digital ou eletrônica –, ainda pouco conhecido e divulgado no âmbito das Letras; e, de outro, demonstrar que esse tipo de produção institui modos diferenciados de leitura, na medida em que se constitui como signo multimodal, formado pela hibridação entre sistemas semióticos visuais, verbais, sonoros e cinéticos. Cabe também destacar, haja vista o escopo aqui determinado como objeto de reflexão, o trabalho desenvolvido na sala de aula do Colégio Estadual Odorico Tavares, no município de Salvador (BA).

Para tanto, o artigo está dividido em quatro partes principais. Inicia explicando o projeto de pesquisa em cujo âmbito o trabalho aqui apresentado foi realizado e, em seguida, traz uma breve tipologia da literatura digital, com ênfase em uma tipologia de poesia digital. A fim de contextualizar e justificar a escolha de determinado poema para a leitura em sala de aula, o artigo traz uma seção sobre a ligação de Augusto de Campos com o movimento concretista e a produção da literatura digital. Por fim, na última seção, são apresentadas algumas estratégias empregadas para o desenvolvimento da leitura dos poemas concretos e digitais de Augusto de Campos por parte de um grupo de estudantes do Ensino Médio, bem como algumas conclusões quanto aos percursos de leitura dos alunos durante a execução do projeto.

O objetivo geral da pesquisa constitui-se na investigação dos deslocamentos ocorridos em relação à identidade do leitor infanto-juvenil a partir da interação com a literatura produzida no ciberespaço. A principal questão norteadora, por sua vez, procura responder ‘Em que medida as novas possibilidades de usos e práticas instauradas pela

escrita e pela leitura eletrônica interferem na ordem dos discursos vigentes em nossa cultura contemporânea, dessa forma, atuando na constituição de novas identidades ligadas à leitura e ao sujeito leitor?’ Já os procedimentos da pesquisa foram pautados por três principais etapas: 1) na seleção e análise de obras literárias produzidas em ambiente eletrônico, com linguagem hipertextual, a partir de sua composição literária bem como a partir dos discursos críticos já produzidos em torno de tais obras; 2) no trabalho de leitura de obras digitais em escola; 3) na análise e reflexão sobre as especificidades da prática da leitura de obras digitais, conforme realizada na segunda etapa, enfatizando processos de constituição de identidades de leitor.

O trabalho previsto na segunda etapa foi executado no Colégio Estadual Odorico Tavares, em Salvador, Bahia. Inaugurado nos anos 80, possui uma pequena biblioteca, um amplo anfiteatro e duas quadras esportivas. É uma construção grandiosa, com quatro andares em que se pode observar, em algumas de suas instalações, um certo abandono do poder público. No ano de 2011, atendeu a cerca de 2000 (dois mil) alunos.

O Colégio, apesar de estar localizado em zona nobre da capital, atende a um público oriundo da periferia e possui um laboratório de informática, sendo este último um dos aspectos que influenciou a escolha desta instituição para o desenvolvimento do trabalho que será descrito a seguir. O subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) - Letras é financiado pela CAPES e tem, entre seus objetivos, a formação de alunos do Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), especificamente no que diz respeito à competência docente para a excelência na área de leitura e escrita. Está sob a coordenação das professoras Simone Bueno Borges da Silva e Simone Assumpção, do Instituto de Letras da UFBA, e da professora Raquel Nery, da Faculdade de Educação (também da UFBA). Atualmente, conta com oito alunos bolsistas, vinculados ao Curso de Letras, e também com a participação, na condição de supervisora do trabalho dos alunos de Letras, da professora Eriene Barbosa, integrante do corpo docente daquele Colégio. Da oficina que será analisada, participaram todos os bolsistas, tendo ficado sob a responsabilidade de dois destes alunos/graduandos.

Literatura eletrônica: uma tipologia

Jorge Luis Antônio (2008) demonstrou que a literatura eletrônica ou digital existe há mais de 50 anos, sendo que os primeiros experimentos realizados com literatura e informática nos remetem ao alemão Theo Lutz, na Alemanha, discípulo do matemático e

teórico da informação Max Bense, que também se destacou como um poeta ligado ao movimento concretista. Embora esse tipo de produção tenha crescido muito rapidamente nos últimos anos, o endereçamento intencional desse tipo de produção ao público infantil é relativamente recente e, em comparação com as produções direcionadas a adultos, a literatura digital infantil ainda é escassa (Cf. Caparelli & Longhi, 2004; Kirchof, 2010).

Alguns críticos literários têm sugerido diferentes tipologias para iniciar um estudo desse novo gênero literário. Yoo (2007), por exemplo, sugere uma classificação a partir de cinco diferentes tendências: a **Literatura digitalizada** (a transposição de textos do ambiente impresso para o ambiente digital); a **Editoração colaborativa** (textos que dependem de recursos exclusivamente digitais); a **Escrita colaborativa** (experimentos de escrita coletiva, a partir de recursos da web); a **Literatura hipertextual** (obras em que predominam recursos hipertextuais); a **Literatura hipermediática** (obras com predomínio de recursos hipermediáticos).

Outra tipologia bastante utilizada foi proposta pela autora norte-americana Kathrin N. Hayles. A autora se valeu das especificidades do código empregado como princípio para estabelecer diferentes tipos literários. Segundo Hayles, o primeiro tipo de obra digital pode ser denominado de **Ficção hipertextual**. Os trabalhos pioneiros desse gênero utilizam links que conectam diferentes blocos de texto escolhidos de acordo com a intenção do leitor (os hipertextos), sendo que obras mais recentes empregam também vários recursos de hipermídia. O segundo tipo de obra digital é chamado, por Hayles, de **Narrativa localizada** e abrange obras de ficção distribuídas por telefones celulares, narrativas que produzem rotas a serem seguidas e, até mesmo, jogos que misturam experiência real pelas ruas com participação virtual de internautas. Os **Dramas interativos**, são produções que dependem de um lugar específico, mas onde espectadores presentes no local atuam em combinação com atores presentes e/ou remotos. A **Arte generativa**, por sua vez, combina formas literárias com algoritmos randômicos, gerando obras nas quais o leitor precisa lidar com informações dispersas e fragmentadas, construindo percursos de leitura individuais. Por fim, o **Code work** (obra em código) realiza uma hibridação entre a língua natural e a linguagem de programação, sendo mais frequente na poesia do que na narrativa.

Para o presente estudo, foi adotada a tipologia sugerida por Jorge Luis Antônio (2008), que está circunscrita a uma classificação de poesias baseada nas tecnologias

disponíveis de acordo com cada geração da informática. Visto que, no projeto de leitura realizado na escola, o trabalho foi desenvolvido apenas com poesia e não com narrativa, a tipologia de Antônio nos parece especialmente apropriada, na medida em que permite mapear um subgênero específico dentro do amplo escopo da literatura digital, a saber, a *poesia digital*.

Segundo Antônio, é possível mapear o campo da produção da literatura digital a partir de nove grupos: a **Poesia-programa**, que utiliza programas de computação para produzir textos estocásticos; a **Infopoesia**, caracterizada por poemas visuais que migram para o ambiente computacional; a **Poesia-computador**, praticada principalmente no final dos anos 70 e início dos anos 80, cujas criações são produzidas a partir de programas de computador; a **Poesia hipertextual/hipermídia**, que se distingue dos demais tipos porque já pressupõe a existência da internet e, portanto, passa a fazer uso de recursos hipertextuais e hipermediáticos; a **Poesia internet**, que corresponde à versão poética do que outros autores denominam de *texto colaborativo*: poemas ou partes de poemas que são enviados para sites que formam comunidades de autores/leitores; a **Poesia interativa, colaborativa e performática**, também baseada na criação de redes e comunidades, que pressupõe não apenas o envio de poemas ou versos, mas uma efetiva interação com o computador e a rede, através da qual o navegador participa da própria criação poética; a **Poesia-código**, formada a partir da experimentação com a própria linguagem computacional; a **Poesia-migrante**, que caracteriza aquelas releituras intertextuais de poemas verbais ou visuais, sendo muito frequentemente realizada por poetas ligados ao movimento concretista; por fim, Jorge Luis Antônio chama de **Poesia performática cibernética** aquelas formas poéticas caracterizadas pela hibridação com os mais diversos meios e formatos semióticos ligados ao tempo, ao espaço, ao movimento, à ação, à tridimensionalidade, ao cheiro e, frequentemente, à presença do próprio poeta.

Dentro desse vasto universo, escolhemos a Poesia-migrante de Augusto de Campos como obra a ser trabalhada com os alunos do Colégio Odorico Tavares por questões mais didáticas do que propriamente acadêmicas. Primeiramente, visto que os poemas concretos já existem desde a década de 50, constituem um repertório literário já legitimado e, até certo ponto, conhecido, o que poderia facilitar a interação dos alunos com a leitura. Dessa forma, achamos estratégico iniciar a abordagem da literatura digital pela exposição da passagem dos poemas concretos – em suporte impresso – para os

poemas-migrantes – em suporte digital. Outra vantagem pedagógica quanto à abordagem do concretismo é a abertura que esse tipo de poesia confere para o tratamento de aspectos semióticos não-verbais em qualquer tipo de manifestação poética. Uma vez que faz parte do programa poético do concretismo a leitura *verbivocovisual* – que integra os sistemas sonoros e visuais ao sistema linguístico –, acreditamos que seria pedagogicamente interessante iniciar os trabalhos explorando elementos não-linguísticos de qualquer manifestação poética, especialmente os aspectos sonoros da melopeia e os aspectos visuais do sistema gráfico.

Augusto de Campos e o Concretismo

Augusto de Campos é considerado, juntamente com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, um dos fundadores do movimento da poesia concreta no Brasil, porque, entre outros motivos, em 1958, lançaram o famoso manifesto denominado *Plano-piloto para poesia concreta*, na revista *Noigrandes 4*. O documento procurava definir a poesia concreta, apresentar seus precursores, além de introduzir alguns conceitos teóricos que guiavam o movimento, tais como a definição do espaço-tempo, o ideograma, o isomorfismo, entre outros. Nesse contexto, um dos principais conceitos empregado foi *verbivocovisual* para definir a essência de um poema concreto, destinado a ampliar a linguagem verbal em direção às suas características fônicas e visuais.

Os manuais de literatura costumam afirmar que o concretismo brasileiro inicia já em 1956, com a *Exposição Nacional de Arte Concreta*, em São Paulo, e termina em 1967, com o último número da revista *Invenção*. Na década de 50, o movimento passou por duas fases, a *fase orgânica* – na qual os poemas são inspirados em *Um coup de Dés*, de Mallarmé – e a *fase geométrica* – na qual os poemas buscam sua base na teoria da percepção desenvolvida pela *Gestalt*. Já na década de 60, pode-se dizer que o concretismo apresenta três tendências principais, os *poemas semióticos* – inspirados principalmente na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce –, os *popcretos* – inspirados na *Pop art* – e as *galáxias* – um tipo de textualidade experimental em primeira pessoa, realizado principalmente por Haroldo de Campos (Aguilar: 2005, p. 106).

Como demonstrou Jorge Luis Antônio, a poesia concreta tem servido, para vários poetas, como suporte para criações poéticas, sendo que Augusto de Campos é um dos

mais entusiasmados concretistas nesse campo. Na introdução ao CD *Não*, Campos afirma que

a possibilidade de dar movimento e som à composição poética, em termos de animação digital, vem repotencializar as propostas da vanguarda dos anos 50. VERBIVOCOVISUAL era, desde o início, o projeto da poesia concreta, que agora explode para não sei onde, bomba de efeito retardado, no horizonte das novas tecnologias. Desde que, no início da década de 90, pude pôr a mão num computador pessoal, percebi que as práticas poéticas em que me envolvera, enfatizando a materialidade das palavras e suas inter-relações com os signos não-verbais, tinham tudo a ver com o computador.

No CD, encontram-se vários CLIP-POEMAS – conforme a definição do próprio autor – produzidos durante dois anos de experiências. Augusto de Campos explica que as primeiras animações emergiram das virtualidades gráficas e fônicas de poemas pré-existentes, ao passo que outras foram sugeridas pelo próprio veículo e pelos múltiplos recursos de programas como o Macromedia Director e o Morph. A fim de orientar o leitor, os poemas foram divididos em três grupos: *animogramas*, *interpoemas* e *morfogramas*.

Alguns dos animogramas não passam de poemas concretos digitalizados e expandidos a partir de certas possibilidades eletrônicas. Augusto de Campos apresenta sete animogramas, com sua data original bem como com a data da digitalização: *Caracol* (1960-1995), *Cidadecitycité* (1963-1997); *Pérolas para cummings* (1994-1995); *F(J)(Y)EUX* (1965-1995); *Pessoando* (1996); *O mesmosom* (1989-1996); *Rever* (1972-1997).

Há quatro interpoemas, no CD, todos construídos de forma a exigir alguma interação física do receptor: em *conversogramas*, ocorre uma “transconversa” entre os poetas Cesário Verde, Fernando Pessoa e Maiakovski; *caoscage* é um poema inspirado em um ensaio de Roland de Azevedo Campos acerca da aproximação entre as palavras *caos* e *cage*; *inistante* explora, também de forma interativa, o surgimento de quatro novas palavras a partir da mudança do primeiro morfema da palavra *inistante*: *instante* – *restante* - *distante* – *bastante*; *portas do ouver*, por sua vez, é formado por um jogo a partir das possibilidades semânticas de um ideograma chinês inventado para significar “porta”.

Por fim, os cinco morfogramas (*Pound Maiakovski*, *João Webern*, *Stein Pound*, *Poesia é risco* e *Cage Boulez*) fazem referência aos artistas aludidos nos títulos a partir de composições formadas por imagens em movimento e sons. O primeiro realiza uma mescla entre os perfis de Ezra Pound e de Maiakovski, com a voz de Maiakovski. O

segundo apresenta uma mistura entre um desenho retratando Anton Webern e uma foto de João Gilberto, com a música *Quarteto para saxofone*, de Anton Webern, e *Eu sambo mesmo*, de João Gilberto. O terceiro compõe-se das fotos de Gertrude Stein e Ezra Pound, com vozes de Ezra Pound e Gertrude Stein. O quarto morfograma é composto de material fotográfico (fotos de Augusto de Campos e Cid Campos) e sonoro extraído do CD *Poesia é risco*, de Augusto e Cid Campos. Por fim, no último morfograma, é possível ver uma mescla entre as fotos de Cage e de Boulez, com células sonoras extraídas de *16 Dances*, de Cage, e *Première sonate pour piano*, de Boulez.

Lendo os poemas digitais de Augusto de Campos na sala de aula

A metodologia que vem sendo desenvolvida, desde 2011, junto com os alunos do PIBID Letras /UFBA, envolve várias etapas. A primeira delas implica o planejamento dos encontros semanais com alunos do Ensino Médio do Colégio Odorico Tavares, que participam de nosso projeto de pesquisa, e também do Mais Educação, projeto do Governo Federal que tem, entre seus objetivos, a permanência do educando por um maior número de horas na escola. Como a preocupação do PIBID/LETRAS diz respeito à excelência na formação de docentes (hoje alunos de graduação da Licenciatura em Letras da UFBA), é importante desenvolver a capacidade de planejar. Daí, dedicarmos algumas horas à preparação do trabalho que é posteriormente desenvolvido na escola.

Também a ideia de oficina merece aqui ser problematizada. Os alunos do Colégio Odorico Tavares deslocam-se da sala de aula tradicional e ocupam um espaço/tempo que é de livre escolha (essa é a orientação do Mais Educação). Diante desse quadro, as oficinas têm de apresentar um diferencial em relação ao ensino tradicional. O fato de ocorrerem no contraturno também implica em necessária motivação, uma vez que os alunos/adolescentes do Ensino Médio não são formalmente avaliados pela instituição quanto à sua participação nas oficinas. A ideia de oficina, assim, significa um diferencial, pautado, principalmente, na metodologia: as oficinas são diferentes porque precisam da participação e da interação daqueles estudantes que têm de construir um conhecimento que supostamente não foi construído na sala de aula tradicional. No trabalho que propusemos, o trabalho com um gênero textual desconhecido – ou pelo menos desvalorizado - pela escola bastaria para estabelecer tal deslocamento. É nesse contexto

que a poesia-migrante de Augusto de Campos é/foi oferecida para tais adolescentes em um de nossos encontros.

A oficina ocorrida no dia 11/11/2011, na qual o objeto de leitura foi o “Poema-bomba”, de Augusto de Campos, ficou ao encargo de dois dos bolsistas do PIBID. Assim, em reunião prévia com eles, ficou definido um roteiro a ser cumprido no dia da oficina. No planejamento, estabelecemos um primeiro momento, no espaço de uma sala de aula convencional, ou seja, sem equipamentos ou tecnologias da informática, a fim de sensibilizar e aproximar os alunos dos poemas. Em primeiro lugar, seriam afixados no quadro os poemas discutidos em encontros anteriores, quais sejam: “Não sei dançar”, de Manuel Bandeira, “A água molha porque não sabe cuspir”, de Arnaldo Antunes, e “Poema-bomba”, de Augusto de Campos, - todos em suas versões impressas originais.

Os poemas foram afixados no quadro para que os alunos tivessem a oportunidade de perceber o aspecto visual. Conduzidos pelos graduandos de Letras, que se encontravam na posição de mediadores de leitura, foram realizadas perguntas que levassem os adolescentes a perceberem a materialidade dos textos e principalmente o aspecto formal (a forma e a disposição que o poema assume na página) assim como os recursos gráficos: os tamanhos e tipos de letras, o espaço utilizado na página, o texto não-verbal (no caso do poema de Augusto de Campos, há uma página inteira na qual se vê o desenho de uma gota de água. A comparação entre tão distintos poemas (no caso de Manuel Bandeira, tem-se, apesar de um ruptura com a estética que lhe antecede, uma disposição gráfica que se aproxima dos poemas que tradicionalmente são apresentados pela escola) permite que o aluno observe a existência de diferentes recursos (no caso de Arnaldo Antunes, o tamanho das letras pode ser estimado como algo em torno de 36, o que não é usual). Por fim, a disposição gráfica na página impressa de um poema como o de Augusto de Campos permite o estabelecimento e o distanciamento entre poemas do início e o final do século XX.

Depois do estabelecimento de uma reflexão prévia sobre os poemas, priorizando-se aí a poesia-migrante de Augusto de Campos, os alunos seriam (e foram) convidados a ir para o laboratório de informática. Naquele espaço, foi possível uma nova experiência: a do contato com a animação em flash do “Poema-bomba”. Novas competências de leitura foram acionadas e exigidas do leitor, pois foi necessário seguir orientações, inicialmente, sobre como acessar o poema. Eis aí uma primeira diferença em relação ao impresso.

Nesse sentido, foi disponibilizado, em cada uma das máquinas do laboratório, um roteiro (que foi seguido pelos alunos da oficina). Nele, era solicitado que o aluno do Colégio Odorico Tavares fosse até o endereço <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm> e depois respondesse às questões:

* O que você percebe na sua experiência de leitura do “Poema-bomba” que você vê agora na tela do computador?

* Que recursos são utilizados neste poema e que não eram utilizados no poema impresso (no livro)?

* Depois de tais leituras, o que você poderia dizer sobre o que é poesia ou poema...)?

Havia dois pressupostos em tal situação: o de que os alunos tivessem competências relativas a um determinado nível de letramento digital e também relativas a seu letramento literário (leitura de poesia como prática social) . Na prática, o que se observou foi uma certa dificuldade inicial para o estabelecimento do foco da parte dos alunos daquela escola da rede estadual. Quando os adolescentes se viram diante do computador, imediatamente pensaram e tentaram acessar as redes sociais. Foi necessária a intervenção dos graduandos e também das professoras orientadoras no sentido de garantir que o aluno realizasse a tarefa solicitada. O empenho dos graduandos, por ora na condição de coordenadores e mediadores do processo, viu-se transformado, uma vez que, agora no laboratório, o atendimento necessariamente tinha de ser individual. Assim, a mudança para um espaço de aprendizagem ainda não considerado convencional fez com que também o modo de intervenção mudasse.

Na interação ocorrida entre estudantes do EM e graduandos de Letras, foi possível, depois da análise de gravações em vídeo realizadas ao longo do processo, constatar a dificuldade, da parte dos primeiros, em expressar o que estavam vivenciando. O poema de Augusto de Campos, agora apresentado com os recursos do Flash, havia tomado nova forma, tendo inclusive som, característica que, se não inovadora para os pesquisadores, mostra-se nova na percepção daqueles jovens. É incomum que um jovem, mesmo conhecedor dos recursos da internet, se depare ou se dedique à leitura de poemas no ambiente virtual.

Assim, a dificuldade de leitura se deu, em parte, devido ao desconhecimento das características da poesia-migrante e também das possibilidades de categorizar seus diversos elementos. A segunda pergunta - Que recursos são utilizados neste poema e que não eram utilizados no poema impresso (no livro)? – não bastou como motivação para a reflexão. Ela não foi respondida sem o auxílio da interação verbal com os graduandos em Letras, o que nos faz pensar sobre a importância de que futuros profissionais da área estejam preparados para formular perguntas – muito mais do que respondê-las.

Referências

- AGUILAR, Gonzalo. *Poesia concreta brasileira. As vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005.
- ARNHEIM, Rudolf. *Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- BENSE, Max; DÖHL, Reinhard. zur lage. In: GOMRINGER, Eugen. *konkrete dichtung*. Stuttgart: Reclam, 1972, p. 167-169.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. Plano-piloto para poesia concreta. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 403-405.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GOMRINGER, Eugen. *konkrete poesie*. Stuttgart: Reclam, 1972, p. 155-167.
- _____. vom vers zur konstellation. In: _____. *konkrete poesie*. Stuttgart: Reclam, 1972, p. 155-167.
- HAYLES, N. Kathrin. *Eletronic Literature: New Horizons for the Literary*. Indiana: University of Notredame, 2008.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- PINTO, Luiz Ângelo; PIGNATARI, Décio. Nova linguagem, nova poesia. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 159-171.
- RIHA, Karl. Das Experiment in Sprache und Literatur. Anmerkungen zur literarischen Avantgarde. In: WISCHER, Erika (Org.). *Propyläen Geschichte der Literatur: Die Moderne Welt*. Berlin: Propyläen Verlag, 1982, p. 440-463.
- SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinicius. *Poesia concreta*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- YOO, Hyun-Joo. Text, Hypertext, Hypermedia: Ästhetische Möglichkeiten der digitalen Literatur mittels Intertextualität, Interaktivität und Intermedialität. Würzburg: Königshaus & Neumann, 2007.